

PARA GOSTAR DE LER

Por Luiz Carlos Amorim

Pensando a respeito do que devemos fazer para que nossas crianças gostem de livros e de leitura, quando chegarem à idade escolar, lembrei-me do comentário de um colega escritor sobre um artigo meu abordando este assunto. Afirmava eu, em meu artigo ou crônica, que se nossas crianças convivessem com livros desde muito pequenas, se nós, os pais, tivermos o hábito de ler, de manusear livros, nossos filhos aprenderão a gostar da leitura. E o comentário, que a mim pareceu ambíguo, pois tanto poderia ser um elogio a uma idéia oportuna, quanto poderia ser uma ironia pela citação de uma coisa óbvia, nunca me saiu da memória.

E achei que seria bom voltar ao assunto. Porque é importante, sim – eu diria até que é fundamental – que a criança conviva com livros em sua casa, desde os primeiros anos de vida. Há que haver livros nas estantes, nas cabeceiras, nas mesas, nas mãos das pessoas. Para que quando alguém, pela primeira vez, se prontificar a ler alguma coisa de um livro para uma criança, ela descubra

que aquele objeto que tem estado a sua volta constantemente, tem tanto a oferecer: conhecimentos, descobertas, lugares diferentes e inimaginados, personagens novos, cenários desconhecidos, emoções, sentimentos. A criança precisa conhecer o livro em casa, na sua casa, quando ainda nem sabe ler. A curiosidade de poder descobrir o conteúdo de um livro, o fato de depender de alguém que leia para ela vai despertar-lhe o desejo de aprender a ler para si própria, ter acesso direto à magia e encantamento que podem estar contidas em um volume.

E mais tarde, a escola vai ser parceira neste processo de abrir caminho rumo ao futuro, passando pelo passado, para que a criança possa entender o presente e possa construir o seu destino. Ou, quem sabe, nós da família é que nos transformaremos em parceiros da escola, cúmplices na tarefa de aproximar ainda mais a criança do livro, essa fonte inesgotável de experiência e conhecimento, registro da história e da evolução do ser humano através do tempo: o livro.

EXPEDIENTE

Suplemento Literário A ILHA - Edição número 87 - Dezembro/2003

Edições A ILHA - Grupo Literário A ILHA

End. para Correspondência:

R. Prof. M^a do Carmo Souza, 12 - Campinas - São José SC 88101-360

E-mail: lzamorim@terra.com.br

[Http://geocities.yahoo.com.br/prosapoesiaecia](http://geocities.yahoo.com.br/prosapoesiaecia)

O RENASCER DO NATAL

Luiz Carlos Amorim

*Um menino vai nascer,
neste Natal.*

*Trará consigo a paz,
a pureza verdadeira
e o amor, quase esquecido.*

*Trará ternura nas mãos,
compreensão e carinho
e esperança no olhar.*

Nós sabemos o seu nome.

*E nós sabemos, também,
da flor do jacatirão,*

que aparece todo ano,

lhe anunciando a chegada.

E quase ninguém a vê...

Um menino vai nascer.

*E a flor do jacatirão,
arauto humilde e singelo,*

lhe festeja o nascimento,

preparando as boas vindas.

*Saberemos nós, os homens,
imitar a natureza?*

NOVO NATAL

Aracely Braz

Vem

Contemplar

Uma nova estrela

A brilhar nos céus.

Vem

Observar a tela multicolor

Do jacatirão majestoso,

Que de novo transformou

Toda a mata

Num encantado jardim florido.

Vem

Acompanhar

A transformação social

Tecnológica

E espiritual

Dos Tempos.

Vem

Cantar comigo

Fazer renascer nos corações

A força imortal

De Cristo

Num hino de paz,

De saudades e esperança

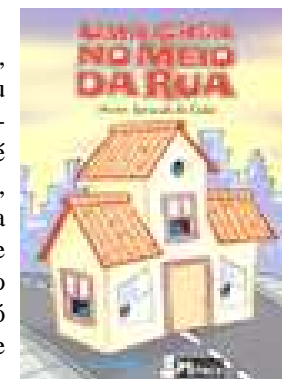
No renascimento

Deste novo

Natal.

UMA CASA DE PERSONALIDADE

Neste seu livro de estréia, pela Editora Hemisfério Sul, Miriam Aparecida da Rocha como que redimiou todas aquelas pessoas que algum dia acharam que as crianças poderiam ser bobas. "Uma Casa no Meio da Rua" é um livro que conta a história de uma casa que está triste, porque ninguém mais a enfeita para o Natal, nem para festas de aniversário. É a história de uma casa que se sente só porque agora as pessoas ficam o tempo todo interessadas em coisas como computador e telefone. Só mesmo Miriam para contar esta história com tanta arte e beleza.





Araci Barreto

*Um dia nasceu um menino,
bem longe, em grande pobreza
ninguém podia prever o que iria
acontecer
com aquele pobre menino.*

*Sabia das leis, ainda pequeno.
Ensinava aos velhos e aos moços,
também.
Falou de outros mundos, de outras
vidas; do céu.*

*Falava de coisas estranhas
que a todo o mundo assustava.*

*E pelo mundo se foi
deixando sua mãe a chorar:
Onde andaré meu menino?*

*Só fez o bem o menino
que homem já se tornara*

*e ensinou tanta coisa...
Que em vida a gente prepara
para “viver” bem depois.*

*Mas, essas coisas estranhas,
os milagres que fazia
e a coragem que tinha o rapaz
abalaram o mundo de então.
E os doutores da lei,
os chefes, mestres, sabidos,
dele tiveram notícias.*

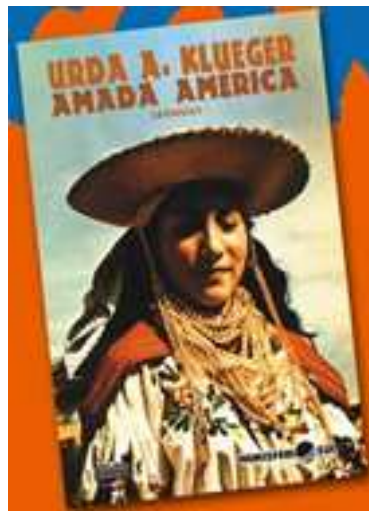
*E por medo de perder a fama,
por inveja do saber,
o menino mandaram prender.*

*E mesmo sem culpa provada
e mesmo sem ter porquê,
lavaram as mãos e mataram
aquele pobre menino
que ninguém quis defender.*

AMADA AMÉRICA

Saiu o novo livro da escritora Urda Alice Klueger, “Amada América”, pela Editora Hemisfério Sul. A obra é composta por crônicas escolhidas sobre suas viagens pela América Latina.

Dizia eu, outro dia, em e-mail à escritora dos dedos cheios de poesia, que os livros de final de ano dela já são esperados como o disco do Roberto, lembram? Eles são um ótimo presente de Natal, pela qualidade e beleza dos textos. E pela apresentação gráfica impecável, também.



ESCURIDÃO

Vânia Moreira Diniz

*Enquanto espero o natal,
Na guarida quente,
De corações que amo,
Surpreendo-me
Com a desesperança,
Com o frio e desabrigo,
Que muitos irmãos,
Sofrem na escuridão.
Luzes fortes ofuscam,
Meus claros olhos.
E quase cambaleando
De tanta luminosidade,
Penso no contraste aterrador,
De crianças a pedir auxílio,
Estendendo a sofrida mão,
Em variadas direções.*

*O colorido é maravilhoso
No burburinho das lindas lojas,
Oferecendo feitiços de matéria,
Que recebemos em efusão.
Ali bem perto alguém tem fome,
Não há cores, mas crepúsculo,
Não existem mimos, porém miséria,
Que passa despercebida e oculta.
Risos e barulho a todos entretêm,
Novidades que correm e divertem,
Vida que vibra em cada árvore.
Um pouco mais adiante, solidão,
Os rostos sérios e concentrados,
A pele marcada de lágrimas,
As mãos e a alma vazias,
E o olhar perdido na escuridão.*

INCENTIVO À LEITURA

O 7º Encontro Estadual do Programa Nacional de Incentivo a Leitura (Proler), que aconteceu na Universidade da Região de Joinville (Univille) no final de outubro, reuniu educadores, bibliotecários, estudantes de letras e pedagogia, agentes culturais, entre outros, e teve como objetivo despertar os profissionais para uma nova postura frente ao universo.

Com o tema “construindo pontes entre a escola e a biblioteca por meio da leitura e da escrita”, os participantes foram convidados a responder ao questionamento inicial. Palestras e oficinas ministradas por especialistas ajudam nessa tarefa cujo interesse é o auto-conhecimento.

JORNAL DO ENÉAS

Vem aí o número 6 do Jornal do Enéas, boletim cultural independente publicado pelo escritor Enéas Athanázio. Ele vai marcar um bom início literário de 2004, já que estará circulando em janeiro. Quem quiser receber, deve contatar o editor, pelo e-mail e.atha@terra.com.br .

Que o Dr. Enéas é um grande contista, o Brasil inteiro sabe. A boa nova é que o curta "Izaura", realizado pela TVi Televisão e Cinema, foi baseado no seu conto "Poço de Bica" e será exibido pela RBS TV no dia 13 de dezembro, no Jornal do Almoço. E o novo livro do escritor, "Fiapos de Vida", vol. II, com 85 crônicas e mais de 150 páginas está no prelo. Quem sabe, faz.

Foi-se a Primeira Dama das Letras

Morreu, aos 92 anos, prestes a completar 93, a escritora Rachel de Queiroz, no dia 4 de novembro, em sua casa, dormindo, serena como um passarinho. Nascida em 17 de novembro de 1910, em Fortaleza, vivia no Rio desde 1939 e foi a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Curiosamente, ela foi recebida na ABL em 4 de novembro de 1977. A propósito, Rachel era descendente de José de Alencar, por parte de mãe.

Rachel gostaria de ter tido muitos filhos e netos, mas só teve uma filha,

que morreu ainda bebê. Gostava muito de crianças e os filhos da irmã eram como seus netos.

Estreou na literatura aos 19 anos, em 1930, com o romance “O Quinze”, que publicou com recursos próprios e que retratava a terrível seca que forçou seus pais a deixarem o sertão, narrando o drama dos flagelados e a pobreza dos nordestinos.

Além de romancista, ela foi jornalista – já trabalhava no jornal “O Ceará” antes mesmo de escrever “O Quinze” – ela trabalhou em vários grandes jornais. Escreveu suas deliciosas crônicas a vida



inteira – ate março deste ano de 2003 elas ainda eram publicadas no jornal O Estado de São Paulo.

Era uma grande contadora de histórias. Sua obra tornou-se clássica dentro da literatura brasileira por tratar de sentimentos e conflitos humanos universais. Além de “O Quinze”, escreveu os romances “João Miguel”, “Caminho das Pedras”, “As três Marias”, “Dora, Doralina”, “O Galo de Ouro” e “Memorial de Maria Moura”, considerado sua obra-prima.

Para o teatro escreveu “Lampião”, “A Beata Maria do Egito” e “O Padrezinho Santo”, teleteatro para a TV, nos anos 60. Em 69, publicou “Menino Mágico”, infanto-juvenil. Escreveu mais de duas mil crônicas, o que resultou em várias coletâneas, como “A Donzela e a Moura Torta”, “100 Crônicas Escolhidas”, “O Brasileiro Perplexo”, “O Caçador de Tatu”, “Os Menininhos e outras Crônicas”, “O Jogador de Sinuca” e outros. Foi também tradutora de obras de Dostoiévski, Cronin, Tolstoi, Emile Bronté, Charles Chaplin e outros. Dizia não gostar de escrever: “Escrevo por profissão...”

LOUVADO PARA RACHEL DE QUEIROZ

Manuel Bandeira



*Louvo o Padre, louvo o Filho,
O Espírito Santo louvo.
Louvo Rachel, minha amiga,
Nata e flor do nosso povo.
Ninguém tão Brasil quanto ela,
Pois que, com ser do Ceará,
Tem de todos os Estados,
Do Rio Grande ao Pará.
Tão Brasil: quero dizer
Brasil de toda maneira
-brasílica, brasiliense,
brasiliana, brasileira.
Louvo o Padre, louvo o Filo,
O Espírito Santo louvo.
Louvo Rachel e, louvada
Uma vez, louvo-a de novo.
Louvo a sua inteligência
E louvo o seu coração.
Qual maior? Sinceramente,
Meus amigos, não sei não.*

*Louvo os seus olhos bonitos,
louvo a sua simpatia.
Louvo a sua voz nortista,
Louvo o seu amor de tia.
Louvo o Padre, louvo o Filo,
O Espírito Santo louvo.
Louvo Rachel, duas vezes
Louvada, e louvo-a de novo.
Louvo o seu romance; O Quinze
E os outros três; louvo As três
Marias especialmente,
Mais minhas que de vocês.
Louvo a cronista gostosa.
Louvo o seu teatro: Lampião
E a nossa Beata Maria.
Mas chega de louvação,
Porque, por mais que a louvemos,
Nunca a louvaremos bem.
Em nome do Pai, do Filho
E do Espírito Santo, amém.*

do estado”. Isso tudo documentado, publicado em grandes jornais do estado, como “A Notícia”.

Como já disse em outras ocasiões – e gostaria de poder voltar atrás – alguns dos “líderes” culturais do nosso estado, os “donos da cultura” e alguns que não estão lá, mas estão loucos para entrar, sabem e gostam de falar muito. Falam bonito, falam difícil, fazem grandes discursos, mas só falam. Fazer, realizar, não é com eles. Quando muito, procuram levar o mérito de alguma coisa feita por outrem. Ou então o que os outros fazem não presta. O importante, para eles, é aparecer. E nem eles compareceram ao fórum para roubar a cena.

Venho vendo isso não é de hoje e as outras pessoas que trabalham, que

fazem acontecer a cultura neste estado também estão vendo. Por isso esses encontros, que gastam o dinheiro público, que consomem o nosso dinheiro, não levam a nada. E uma pena, mas é a verdade e não dá pra fingir que não é assim. É por isso que muitos de nós realizam o seu trabalho artístico ou cultural às próprias custas ou correndo atrás de algum apoio na iniciativa privada. Se dependermos da “cultura oficial”, vamos esperar indefinidamente, pois os “recursos” que o estado disponibiliza, “coincidentemente”, quase sempre vão para os mesmos “artistas”, que ou são ligados ao governo, a algum político, ou amigo ou parente ligado ou ao estado ou à “política”.

CANTIGA DOS PASTORES

Adélia Prado

*À meia noite no pasto,
guardando nossas vaquinhas,
um grande clarão no céu
guiou-nos a esta lapinha.
Achamos este Menino
entre Maria e José,
um menino tão formoso,
precisa dizer quem é?
Seu nome santo é Jesus,
Filho de Deus muito amado,
em sua caminha de cocho
dormia bem sossegado.
Adoramos o Menino
nascido em tanta pobreza
e lhe oferecemos presentes
de nossa pobre riqueza:*

*a nossa manta de pele,
o nosso gorro de lã,
nossa faquinha amolada,
o nosso chá de hortelã.
Os anjos cantavam hinos
cheios de vivas e améns.
A alegria era tão grande
e nós cantamos também:
Que noite bonita é esta
em que a vida fica mansa,
em que tudo vira festa
e o mundo inteiro descansa?
Esta é uma noite encantada,
nunca assim aconteceu,
os galos todos saudando:
O Menino Jesus nasceu!*

A ILHA

SUPLEMENTO LITERÁRIO

O VERDADEIRO SENTIDO DO NATAL

E estamos no final de 2003. O Natal está aí, essa festa grandiosa para a humanidade que a própria humanidade transformou num mero evento consumista: a festa da fraternidade e do amor, reduzida a uma época para se gastar mais, para se comprar mais.

Mas ainda é tempo de mudar. Ainda há tempo. Será que vamos nos esquecer, novamente, que o Natal não é Papai Noel, não é presentes e guloseimas, cores e brilhos, simplesmente? Alguém lembrará do menino que está para nascer e que representa o renascimento da vida para cada um de nós, a esperança de renovação para cada cristão desse mundo de Deus?

O Natal é a oportunidade de reafirmarmos nossa fé em uma força superior que rege o universo, que rege o futuro, não importa o nome que lhe demos. Porque como já dissemos outras vezes, o que será de nós, seres humanos, irmãos gêmeos da natureza, se não tivermos fé e esperança num amanhã que está nas mãos daquele menino que está para nascer?

O que adiantará alguns de nós montarmos nossas árvores de Natal, com luzes e enfeites, podermos comprar presentes para os filhos, pais, irmãos, amigos, se não soubermos o significado do Natal? Precisamos começar a ensinar nossos filhos, que desde muito pequenos esperam ansiosamente o final de ano para que Papai Noel lhes traga brinquedos e doces de presente, que o Natal não é só isso.

Que Natal é muito, muito mais do que isso. Que o Natal existe porque um menino nasceu, há muito tempo atrás, para ensinar-nos que sempre é possível começar de novo, que nunca é tarde para recomeçar, que nunca estaremos sozinhos, apesar de tudo.

Que podemos exercitar sentimentos e emoções simples, próprios de nós, homens, filhos de Deus, como a solidariedade e a fraternidade, a amizade e a compaixão. Que esses sentimentos levam a sentimentos maiores. Não podemos deixar de lembrar, sempre, este significado maior.

Em alguns lares, às vezes por falta de tudo, às vezes por falta do espírito de Natal, nem a árvore enfeitada com frutos coloridos e maduros, representação de fartura, se faz presente. Principalmente se não há crianças. E uma casa sem Natal é muito triste. E um adulto que não tem mais a capacidade de sonhar, de sorrir e de ter esperança é mais triste ainda. É como se não deixássemos nascer o menino, o filho de Deus, que representa a nossa alma, a magia e o encantamento de viver.

Natal é a comemoração da vida, que um menino chamado Cristo traz todo ano, tentando nascer em nossos corações. É a comemoração do aniversário desse menino, que há mais de dois mil anos veio para iluminar nosso caminho. Essa é a grande festa: ela precisa começar dentro do coração de cada um. Feliz Natal para todos.

O editor

VIRGÍLIO VÁRZEA E O MAR

Virgílio Várzea (1862-1941), o maior prosador catarinense da primeira metade do século 20 e precursor da literatura marinhista (relacionada ao mar) na América do Sul, tem, neste final de ano, seus contos - o gênero que o consagrou - reeditados pela Academia Catarinense de Letras (ACL). A publicação reúne em dois volumes os 91 contos publicados pelo autor em seus quatro melhores livros, "Mares e Campos" (1895), "Contos de Amor" (1901), "Histórias Rústicas" (1904) e "Nas Ondas" (1910). A reedição, coordenada pelo acadêmico e crítico Lauro Junkes, foi viabilizada pela lei de incentivo estadual e será impressa na Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina (Ioesc).

NOITE DE NATAL

Laura B. Martins

*Era uma rena enjaulada
que se feria, atirada
contra as grades da prisão.
Penou tanto, magoada,
pela liberdade sonhada,
que morreu de solidão.*

*Vagueou pelo Universo,
o seu instinto disperso,
novos cheiros, novos mundos.
Encontrou-se co'a manada,
foi finalmente integrada,
viu-se feliz em segundos.*

*Essa manada trazia
um condutor, que dizia
ser amigo das crianças.
Vestia-se de vermelho,
as barbas brancas, de velho,
ao ombro, um saco d'esperanças.*

*Escolhida com outras sete,
o velhinho lhes promete
ser uma noite de truz.*

*Era noite de Natal,
tinha-se afastado o mal;
no céu, a Estrela reluz.*

*Foi atrelada ao trenó.
Viu que já não estava só
e era novo o seu destino.
O bom Pai Natal levar...
Prendas, aos meninos dar...
E nascera o Deus-Menino!*

*Desce ele pela chaminé
devagar, pé ante pé,
e a rena impaciente
ajuda a levar brinquedos,
doces de lamber os dedos:
- Inda falta muita gente!...*

*Já o dia quer nascer,
estão finalmente a descer
para um sono merecido.
As renas vão descansar,
e o Pai Natal vai deitar;
não foi trabalho perdido.*

O FORUM DA FALTA DE CULTURA

Por Luiz Carlos Amorim

Numa crônica recente, falando sobre "política cultural", deixei transparecer minha pouca fé nela, ao comentar a chamada, por parte do governo catarinense, de produtores culturais, promotores e patrocinadores, para idealizarem um fórum em busca de uma desejável programação e realização da cultura em nosso estado.

Pois é. Foram feitas reuniões com as classes artística e cultural, antes do tão propalado fórum, e dessas reuniões resultou a pauta com os temas a serem debatidos no grande evento: as leis de incentivo à cultura, identidade cultural, políticas para apoiar e desenvolver a cultura, patrimônio e marketing cultural. Para discutir e resolver esses assuntos, foram convidadas personalidades ligadas à cultura de outros estados, como Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul e o Secretário de Difusão Cultural e Artística do Ministério do Cultura, além dos palestrantes de Santa Catarina. Para isso, foi armada uma imensa lona, um circo, no Parque da Luz, na cabeceira da ponte Hercílio Luz.

Infelizmente o grande fórum foi um fracasso. Apesar do enorme espaço reservado para o fórum, que ocuparia cinco dias de incendiados debates, a maior frequência – já não muito expressiva – foi no dia da abertura. Nos dias que se seguiram, o fórum esvaziou-

se e não chegava a cinquenta no segundo dia o número de pessoas na platéia. No terceiro dia, não passava de trinta. Isso, aliás, porque participantes que vieram das 29 secretarias regionais eram obrigados a comparecer.

E não venham me dizer que o que atrapalhou o evento foi o vento, a chuva, etc., porque não foi. O que impediu que mais pessoas ligadas à produção cultural e artística participassem foi a mesma falta de fé que a "cultura oficial" me impôs, desde que entrei para o meio literário, faz bastante tempo.

Adivinhem qual foram as reclamações dos poucos que comparecerem ao malfadado fórum? "Esperava que fosse diferente, que houvesse espaço para desenvolver propostas e deliberar, com grupos de trabalho discutindo propostas afins." "Esperava que o governo desse respostas, dissesse qual a sua política cultural." "Falta retorno, falta palavra de honra do governo. Nas reuniões que antecederam o fórum foi dito que teríamos propostas, linha de ação, e nada disso aconteceu." "O fórum esvaziou desde o primeiro dia porque não atendeu à expectativa que ele mesmo criou. Como sempre." "Não existe encaminhamento metodológico para avaliação e resultar em algo concreto, não existe comprometimento